

# INFLUÊNCIA DOS PADRÕES MORFOLÓGICOS LATINOS NA TERMINOLOGIA CIENTÍFICA

Paulo Mosânio Teixeira Duarte (UFC)

## RESUMO

Neste artigo, pretendemos mostrar a influência do latim, clássico, medieval e mesmo vulgar, nas formações científicas, que passaram a vigor intensamente no léxico português, a partir do século XX. Baseamo-nos no *corpus* coletado pelo professor Francisco da Silva Borba e publicado entre 1950 e 1990, além de obras lexicográficas do português e de lingüística histórica.

**Palavras-chave:** latim clássico, latim medieval, prefixo.

## INTRODUÇÃO

Pretendemos com este trabalho mostrar como os padrões latinos de formação de palavras têm influência na terminologia científica, cabendo especial menção aos herdados do latim medieval. Valemo-nos de um *corpus* escrito do português brasileiro coletado pelo professor Francisco da Silva Borba e publicado entre 1950 e 1990. Este *corpus* consta dos seguintes sub *corpora* com suas respectivas ocorrências: (1) literatura romanesca – 1.394.855; (2) literatura dramática – 620.386; (3) literatura técnico-científica – 1.223.605; (4) literatura jornalística – 1.458.174; (5) literatura oratória – 442.176. Tendo procedido ao tratamento estatístico, chegou-se a mais de 140.000 formas diferentes. Uma vez, porém, feita a tematização, essas formas se reduziram a 100.000 unidades léxicas, através da eliminação dos nomes próprios a que se denomina "lixo lexical".

Complementarmente, socorremo-nos de dicionários representativos da língua, como Ferreira (1999). Nosso objetivo é trabalhar especificamente com a prefixação, baseado em obras como as de Maurer Jr. (1951, 1959) e a de Romanelli (1964). Como base de apoio, recorremos ao dicionário de Saraiva (1993). Assim, contribuímos para o ensino da diacronia e para a descrição do português, já que, em geral, as gramáticas históricas oferecem uma lista de prefixos, sem atentar para as condições de produção dos mesmos e sem especificar a que modalidade de latim estão se referindo: clássico, vulgar ou medieval.

## DIRETRIZES DE ANÁLISE

Enveredamo-nos na discussão de aspectos formais e distribucionais. Não paramos aí, todavia. Nas modernas pesquisas calcadas em *corpus*, julgamos empobrecedor, senão extemporâneo, o restringir-se à mera distribuição de formas, em detrimento de considerações semânticas complementares, impostas pelo conjunto dos dados.

Isto posto, analisaremos os prefixos latinos e vernáculos, conforme os seguintes parâmetros:

- a) prefixos sem correspondência formal com forma livre ou dependente;
- b) prefixos correspondentes a formas livres ou dependentes.

O item a abrange não apenas afixos como *in-* negativo e *des-*, mas também formas braquissemicas: *maxi-*, *mini-*, *recém-*. O item b, por sua vez, encerra prefixos correspondentes a preposições e aqueles correspondentes a advérbios.

Cumprе ressaltar que algumas formas prefixais vistas mais verticalmente constituem fronteiras com a palavra, sendo, pois, as formas de que participam são fronteiriças entre a composição e a derivação. Estas formas prefixais caracterizam-se pela pauta acentual 2, no plano fonológico. No plano gramatical, os compósitos de que tomam parte se sujeitam à braquisssemia contextual ou sintática do tipo *extra e intraclasse*, *supra e superpartidário*. Todavia, não entraremos aqui no mérito destas questões.

As formas constantes do *corpus* serão marcadas por asterisco, quando não lexicografadas, tomando-se como base o dicionário já citado. Se não houver esta indicação, explicitaremos verbalmente a não dicionarização.

## ANÁLISE DO *CORPUS*

### ***Prefixos sem correspondência com forma livre ou dependente***

#### **AB- e ABS-**

Não encontramos, no nosso *corpus* palavras de cunho científico. Ferreira (1999) só apresenta alguns exemplos de formações de-

adjetivais e dessubstantivais, de cunho científico, as quais ilustram modelos latinos (vejam-se estes exemplos: *absimilis*, "diferente", *ab-surdus*, "dissonante"): *abaxial* (fis), *ablamelar* (bot), *abevacuação* (med), *abmigração* (zool), *abirritar* (med).

## AD-

Pertencente ao léxico científico, encontramos apenas as formações *advérbio*, *adnominal*, *adrenal* e *adrenérgico*. As duas primeiras pertencem à Lingüística e as duas últimas à Medicina. O substantivo *advérbio* provém do latim *adverbium*. O adjetivo *adnominal*, não encontrado em Cunha (1987), é provavelmente formado em nossa língua, conforme modelo latino. O adjetivo *adrenal*, não registrado em Ferreira (1999), parece ser empréstimo do inglês, segundo podemos inferir da leitura do verbete *adrenalina*, da obra de Cunha já citada. O dicionário de Serpa (1973), de fato, traz o verbete *adrenal*, que corresponde a *supra-renal*. Fosse mantida a vernaculidade, o nome do hormônio deveria ser *supra-renalina*. O termo *adrenérgico* também não é acolhido em Ferreira. Ele é de caráter híbrido, já que reúne três componentes latinos *ad-*, "junto a", *ren*, "rim", e *-ic(o)*, sufixo indicador de "relação", "pertinência", e *-erg-*, radical grego, que significa "trabalho", "ação". O significado global é "que age sobre a adrenalina". O termo se associa com outras da área médica: *colinérgico* e *serotoninérgico*.

Seria recomendável pesquisar, no caso de *adrenérgico* e congêneres da linguagem técnica, até que ponto se exerce a influência do inglês. Intriga-nos a presença de *adren-*, ligado a *adrenal*, como vimos. A formação esperada seria *supra-renérgico* ou, melhor ainda, *supra-renalinérgico*.

*Ad-* parece propiciar as formações técnico-científicas. Neste particular, os dados do Aurélio são oportunos para a comprovação. Eis alguns exemplos relativos à nomenclatura especializada conformes com o cânon latino:

### a) Adjetivos:

- *adaxial* (botânica: literalmente "junto ao eixo"): "escamas superiores seminíferas das coníferas"

- ad-digital (zoologia): "situado nas proximidades dos dedos"
- adoral (zool): "situado na vizinhança da boca"
- adorbital (anatomia): "osso próximo da órbita"

b) Verbo:

- adligar-se (bot): "fixar-se por apêndices ou raízes"

c) Substantivo:

- adstrato (lingüística): "língua que constitui fonte de empréstimos para outra língua falada em região vizinha".

O que realmente vingou em nossa língua, e isto desde o latim vulgar, consoante testemunho de Maurer Jr. (1951:121-22), foi o emprego de *ad-* na parassíntese verbal. Neste caso, o prefixo se vernaculiza em *a-*.

## BI-

O corpus é relativamente rico em formações com *bi-* (mais do que com aquelas com *bis-*). Nele, há que se distinguir formas herdadas da língua latina, em sua maioria de natureza erudita. De formação científica, temos *bicorne*, *bípede*, *bivalve*, *bifronte*. Em formações vernáculas *bi-* se anexa a adjetivos e substantivos significando, como em latim, "dois, duas vezes, duplo". São estes os deadjetivais: *biacromial\** (<acromial: "relativo acrômio, apófise terminal da espinha de cada omoplata), *bicálcico\** (quim), *birrefringente* (fis), *bidimensional* (mat), *bizigomático* (med), *bifásico* (fis), *bifocal* (fis), *bilateral* (pode ser termo técnico:bot), *bimolecular* (quim). Os dessubstantivais são: *bicarbonato* (quim), *birrefringência* (fis), *bicromato* (quim), *bissulfato* (quim).

Consultando Ferreira (1999), extraímos, dentre outras, as seguintes palavras que corroboram a tese de que *bi-* é favorável a formações científicas deadjetivais e dessubstantivais: *biáxifero*, *bicapsular*, *bicarenado*, *bicelular*, *bicolateral*, *bifendido*, *bifloro*, *bifolículo*, *bigêmeo*, *bigeminado*, *binervado*, *bipetalado* (Biologia); *bicôncavo*, *biconvexo*, *biestável*, *bipolar*, *bipolo*, (Física); *bicomposto*, *bila-bial*, *bitransitivo* (Lingüística); *bicontínuo*, *binormal* (Matemática); *biatômico*, *bicloreto*, *bifosfato*, *bissulfeto*, *bitartarato* (Química).

## INFRA-

O prefixo *infra-* assume o significado fundamental de "abaixo de, posição inferior". Entenda-se aqui que este sema pode aplicar-se inclusive no plano moral (ex. *infra-humano*: "abaixo do nível considerado padrão para o ser humano").

O *corpus* revela o seguinte: a) *infra-* se une a bases substantivais: *infra-estrutura*, *infra-som*; b) *infra-* se acrescenta a bases adjetivais: *infra-estrutural*, *infra-humano\**, *infra-orbitário*, *infravermelho*.

As formações com *infra-* não pertencem à linguagem do dia-a-dia. Percebemos que elas tendem ao domínio da terminologia técnico-científica. *Infra-som* e *infra-vermelho*, por exemplo, são termos da Física, mais especificamente da Acústica. *Infra-orbitário* é termo da Anatomia.

O que sugere o *corpus* é corroborado pelo Aurélio. Afora os itens lexicais de cunho erudito, usados em registro formal: *infra-assinado*, *infra-colocado*, *infra-escrito*, *infra-medíocre*, há os da nomenclatura técnico-científica, quatro da anatomia: *infraglótico*, *infra-hepático*, *infra-hióide* e *infra-renal*, um da botânica: *infra-axilar* e um da zoologia: *infrabasilar*.

É conveniente salientar que *infra-* não se constituía elemento formador de palavras no latim clássico. Saraiva (1993) cita um só exemplo, retirado de uma inscrição: *infraforanus*, "que fica ou está colocado abaixo da praça pública".

O paradigma vernáculo inovou, como vimos, introduzindo o padrão *infra* + substantivo. O importante, contudo, a destacar é que, tomando como parâmetro nosso *corpus*, *infra-* não é expressivo na formação de novas unidades léxicas. Basta verificar que apenas um derivado, *infra-humano*, não é registrado no Aurélio. Cunha (1987) não alude a *infra-* e a nenhuma formação com este elemento.

## INTRA-

Significando "posição interior", *intra-* se anexa prioritariamente a adjetivos, conforme dados do *corpus*: *intra-alveolar\**, *intramuscular*, *intra-arterial*, *intra-ósseo*, *intrabucal\**, *intraperitoneal\**, *intracelular intrapleural\**, *intradérmico*, *intraprésquico\**, *intra-europeu\**, *intratecal (dentro da teca)*, *intra-uterino*, *intralesional\**, *intravenoso*, *intraluminal\**, *intravestibular*, *intramedular*.

É patente a presença de *intra-* na nomenclatura científica, como demonstram, dentre outros, os exemplos: *intra-alveolar*, *intra-arterial*, *intrabucal*, *intracelular*, *intradérmico*, *intramuscular*, *intra-óssea*, *intrapleural*, *intravestibular*. O Aurélio por sinal arrola, entre os derivados, formações pertencentes ao citado domínio, em número relativamente expressivo. Situam-se na linguagem da anatomia: *intracraniano*, *intra-hepático*, *intranasal*, *intra-ocular*, *intra-oral*, *intratorácico*, *intravascular*; da morfologia vegetal: *intramarginal*, *intradilatado*, *intrapeculiar*.

Segundo Cunha (1987), *intra-* só ocorre no latim tardio. Chama atenção para o fato de que o prefixo é de grande emprego na formação de compostos(!), particularmente no campo da Biologia (*intramedular*, *intramuscular*, *intravenoso*), onde é naturalmente usado em oposição a *extra-*.

## OB-

*Ob-*, afixo dado nas gramáticas tradicionais com o significado de "posição em frente" e "oposição", participa efetivamente de formações eruditas adjetivais introduzidas na linguagem científica internacional a partir do século XIX. O modelo de tais formações já se encontrava em latim, em que havia adjetivos, do tipo *oblongus*, "oblongo" e *obuncus*, "curvo, adunco". Em nosso *corpus*, encontramos uma só formação deste tipo: *oblongo* (<*oblongus*). Os dados abaixo são retirados do Aurélio: *obcláveo*, *obdiplostênone*, *obsserulado*, *obcônico*, *oboval*, *obturbinado*, *obcordado*, *obóveo*, *obovalado*, *obcordiforme*, *obovóide*, *obdentado*, *obpiramidal*.

## PER-

O *corpus* oferece um só exemplo em que *per-* se adiciona a um substantivo: *permanganato*, termo da Química. Todavia, os dados lexicográficos complementares sinalizam certa vitalidade de *per-* neste setor da ciência. Ele indica dado elemento químico participa na sua proporção máxima de determinado composto. *Per-* é empregado com valor intensivo.

A inspiração semântica para o supra-referido processo, assim cremos, é latina. *Per-* participava, com valor intensivo, de bases verbais: *percupire* "desejar muito", *pergaudere* "alegrar-se intensamente" e adjetivais: *peralbus*: "muito branco", *perdignus*: "muito digno" e adverbiais (raro): *permulti* "multíssimo". Na Química, *per-* se aplica também a bases substantivais: *percloreto*, *permanganato*, *peróxido*, etc. Fica aqui a sugestão de pesquisar-se mais detidamente o prefixo na nomenclatura química.

## PLURI-

*Pluri-* era um prefixo, em latim, de expansão muito limitada. A preferência era por *multi-*. Ele se anexava a substantivos, simultaneamente com sufixos de segunda ou terceira declinação, gerando adjetivos, de natureza parassintética: *plurilaterus* (<*pluri* + *later* + *us* "de muitos lados"), *pluriformis* (<*pluri* + *form* + *is* "de muitas formas").

Este padrão encontrou certa acolhida na terminologia erudita, especialmente da Biologia: *plurifloro*, "de muitas flores", *pluripétalo* "de muitas pétalas" e *plurivalve* ""de muitas valvas". Naturalmente, trata-se de uma adaptação vernácula, já que o *-o* e o *-e* final dos adjetivos são sufixos temáticos e não desinências casuais.

Nenhum exemplo congênere é encontrado no *corpus* que nos orienta. O padrão identificado, de expansão não muito significativa, considerando-se os exemplos não registrados pelo Aurélio, é *pluri* + adjetivo: *pluricarencial* e *plurissexual*. Estes exemplos são consoantes com o padrão de formações que entraram no português via linguagem científica internacional do século XIX.

## PÓS-

Segundo Maurer Jr. (1951:130), *post-* prefixo indicador de posterioridade, é um prefixo literário, de emprego restrito tanto em latim como nas línguas românicas, quer seja ele verbal ou nominal. Temos assim *posthabere*, "colocar em segunda ordem", *postponere*, "colocar depois, em segundo lugar; *postgenitus*, "gerados depois, descendentes", *postmeridianus* "depois do meio-dia", *postprincipia* "depois do princípio, consequência, resultado".

Podemos admitir, como quer Maurer Jr, a natureza erudita do prefixo. Contudo, pelo menos no que tange ao português, *pós*, proveniente de *post-*, se revela de razoável vitalidade, inclusive na linguagem científica, onde se salienta. Adiciona-se, como *post-* a substantivos e adjetivos, raramente a numerais, conforme nossos dados, não incluídos no Aurélio: *pós-abdômen*, *pós-naturalista*, *pós-orgânico*, *pós-cirurgia*, *pós-paleolítico*, *pós-parto*, *pós-colheita*, *pós-petróleo*, *pós-estruturalista*, *pós-renascentista*, *pós-freudiano*, *pós-revolução*, *pós-gonocócico*, *pós-sináptico*, *pós-vocálico*, *pós-mozartiano*, *pós-sessenta*.

Provavelmente, foi o paradigma das primeiras formações vernáculas, introduzidas no século XIX que motivou o padrão prefixo + base nominal (adjetival ou substantival).

## PRE-

*Pre-*, afixo que carrega a noção de anterioridade, prende-se à forma latina *prae-*, a qual se unia a verbos: *praedicere*, "predizer", *praesentire* "sentir com antecipação" e adjetivos: *praecanus* "que tem os cabelos brancos antes do tempo", *praematurus* "maduro antes do tempo".

Segundo Maurer Jr. (1951:130), *pre-* chegou primeiramente às línguas românicas em empréstimos ou imitações do latim, desde a Idade Média, quer como prevérbio, quer como prefixo nominal.

Considerando, todavia, os dados do *corpus* impõe-se dar pesos diversos às formações nominais em relação às verbais, estas de fraca expansão. No referente aos verbos, boa parte já se encontra nos dicionários. Muitos são oriundos do latim, a exemplo de *predestinar* (<*praedestinare*), *predizer* (*praedicere*), *predominar* (através do francês *prédominer* este de *\*praedominare*), *pré-existir* (<fr. *pré-existir*,



este do latim eclesiástico (*praeexistere*), *prefigurar* (*praefigurare*), *preponderar* (<*praeponderare*), *pressentir* (<*praesentire*), *pressupor* (<*praesuponere*) e *prever* (<*praevidere*).

Em termos de análise sincrônica, é bem representativo o número de verbos que se deixam segmentar em prefixo mais base livre, como *predestinar*, *predizer*, *pré-existir*, *pressupor* e *prever*.

Nosso *corpus*, porém, não evidencia a consistência do supracitado padrão em português: só há o verbo *pré-anular*, na forma flec-tida, *pré-anulam*. Seria instigante procurar os motivos da precária vi-talidade do paradigma. Provavelmente isto se deve ao fato de, por ocasião da introdução das formações com *pré-* em português, ter-se instaurado o padrão prefixo + base nominal, que motivou as forma-ções subseqüentes.

*Pré-* forma novos itens lexicais inteiramente motivados. As regras de formação são bem transparentes, tanto do ponto de vista formal quanto do ponto de vista semântico. Abaixo damos a lista dos derivados com *pré-*. Não separamos os casos em que *pré-* se anexa a substantivos daqueles em que se anexa a adjetivos. As formações não são incluídas no Aurélio: *pré-abdômen*, *pré-andino*, *pré-canceroso*, *pré-clínico*, *pré-colonial*, *pré-custei*, *pré-eclâmpsia*, *pré-escatológico*, *pré-euclidiano*, *pré-filatélico*, *pré-genital*, *pré-germinação*, *pré-germinado*, *pré-investimento*, *pré-lingüístico*, *pré-óptico*, *pré-ortodôntico*, *pré-paradigmático*, *pré-protético*, *pré-psicótico*, *pré-pubertário*, *pré-púber*, *pré-sináptico*, *pré-social*, *pré-testável*, *pré-tratamento*, *pré-verbal*, *pré-xerose*.

*Pré-* se acha presente em todos os *subcorpora*, destacada-mente no *subcorpus* científico. Há certamente *subcorpus* onde o pre-fixo é menos freqüente. Isto seria, entretanto, objeto de uma aprecia-ção quantitativa e qualitativa a que não se propõe nosso trabalho.

## QUADRI-, QUADRU-

Em latim, *quadri-* e sua variante *quadru-* se adjungiam, si-multaneamente com sufixos de segunda ou terceira declinação, a substantivos formando adjetivos: *quadrangulus*, "de quatro ângu-los", *quadriremis*, "de quatro remos". Na linguagem científica, houve adaptação vernácula do processo, conforme mostram estes adjetivos

extraídos do Aurélio: *quadricórneo* "de quatro cornos", *quadriflóreo* "de folhas dispostas quatro a quatro". Há inclusive o aproveitamento das bases presas, a que se acrescenta o prefixo: *quadricípite* "de quatro feixes" (cf. latim *biceps*, *cipitus* "de duas cabeças") e *quadrialve*, "de quatro valvas".

Ainda em latim, como processo secundário e pós-clássico, segundo inferimos de Saraiva (1993), desenvolveu-se o padrão *quadri-* + adjetivo: *quadrangularis* e *quadricubitalis*, respectivamente: "de quatro ângulos" e "de quatro côvados".

Este último padrão prosperou um pouco mormente em linguagem técnica e erudita. Na Biologia, temos *quadridentado*, *quadrigitado*, *quadrilunulado* ("de quatro manchas em formas de lua"). No corpus, identificamos um só exemplo, da linguagem jornalística: *quadrifônico*, não dicionarizado.

O português também desenvolveu o padrão *quadri-* + substantivo, a exemplo de *quadrípolo*, *quadriposição*, *quadrivetor*, termos da Física, citados no Aurélio. A julgar pelos nossos dados, *quadri-* não se revela próspero. Considerando-se os dados lexicográficos, parece-nos um prefixo de extração erudita, circunscrito predominantemente à nomenclatura científica.

## SUB-

*Sub-*, prefixo que em latim possuía dois semas básicos, "de baixo para cima" e "soto posição, se agregava a verbos e nomes. Sua introdução em português se deu por influência da língua culta. A forma vernácula é *sob-* (ou *so-*, variante), que comparece prefixalmente em *soerguer* e parassinteticamente em *sobraçar*. Não obstante o caráter culto de *sub-*, ele tem vitalidade mais pronunciada que *sob-*. *Sub-* apresenta-se como prefixo nominal e verbal, sendo o de eleição o ambiente pré-nominal.

Como afixo pré-substantival, *sub-* é de emprego antigo, remontando ao latim, embora não ostentasse aspecto clássico. Pertencia a linguagem técnica e passou para as línguas românicas, via latim medieval. Indicava, junto a substantivo designador de cargo, função subalterna. Maurer Jr. (1951:131) registra *subdiaconus*, no código de Justiniano, *subdoctor* (professor ajudante) em Ausônio, *subvillicus*

(sub-administrador). Em Plauto, encontra-se *subcustos*, "soto-guarda". Justificam-se portanto derivados portugueses como *subcheife*, *subdelegado*, *subgerente*.

Mas *sub-* não se confinou aos casos acima e congêneres. Tem hoje seu emprego bastante alargado, aplicando-se tanto a substantivos como a adjetivos. Ele assume matizes semânticos diversos derivados do sentido fundamental. Em ciência, pode ter acepção locativa: *subandino*, *subcutâneo*, *subcortical*, *subgengival*; partitiva: *subatômico*. Indica igualmente "um pouco, um tanto", em alguns termos técnicos da Biologia: *sub-braquicéfalo*, *sub-dolicocéfalo*, *subglobosa*, *submuricado*. Este último matiz sêmico provavelmente se deve à influência do latim, onde eram numerosas as formações como: *subagrestis* "um pouco rústico", *subraucus* "um pouco rouco".

Abaixo, listamos em dois grupos os derivados científicos com o prefixo *sub-*, não lexicografados:

**Substantivais:** sub-história, subárea, subcentro, subcultura, subdeterminação, subdosagem, subentroncamento, subfertilidade, sublapso, subnível, subprodução, subprograma, subproletariado, subtema, subtexto, subtópico.

**Adjetivais:** subandino, subaracnoidiano, subarborescente, subcortical, subdolicocéfalo, submuricado, sub-romântico, subutilizado

## SUPER-

Em latim, *super-* se mostrava muito prolífico, quer como preverbo, como prefixo nominal. Além da noção básica de superposição (ex. *superponere*, "por sobre", *superscribere*, "escrever por cima"), existem as de transposição (*supervadere* "transportar") e a de excesso (*supervacuum* "muito vazio"). Porém, na România Ocidental, em particular no português, acabou por vigorar a noção de excesso. Menção seja feita à tradição medieval que nos legou inúmeras formações com *super-*, em que este apresenta valor intensivo: *supereminente*, *superabundância*.

O corpus revela uma fraca tendência de *super-* ligar-se a verbos, se comparada à de vincular-se a substantivos e adjetivos. Algu-

mas formações remontam ao latim, como *superpor* (<superponere), *superexaltar* (<superexaltare), *superabundar* (<superabundare).

Nos derivados nominais, vigora a noção de excesso. Os limites nocionais do item lexical de base são superdimensionados. Não conseguiu firmar-se na língua um padrão em que *super-* tivesse a noção de superioridade em cargo, para que se contrapusesse a *sub*. O substantivo *superintendente* é do latim, via particípio presente. O substantivo *superestrutura* é um exemplo isolado em que o prefixo tem o sema contraponível ao de *infra*.

Damos a seguir as seguintes formações científicas com *super-*, não acolhidas no Aurélio:

**Adjetivais:** super-reprodutor, superalimentício, superdesenvolvido, superdimensionado, superminiaturizado, superneurótico, supernormal.

**Substantivais:** super-humanismo, supercérebro, supercompensação, superconstrução, supercorreção, supercosmo, superdosagem, superexploração, superinfecção, supermicroscópio, supermotivação, superorganismo, superovulação, supersenso.

## SUPRA-

Faria (1958:284) não se refere a *supra-* em gramática latina, quer como prevérbio, quer como prefixo nominal. Romanelli (1964) e Maurer Jr. (1951, 1959) também não fazem menção ao afixo.

Em Saraiva (1993) localizamos poucos exemplos de *supra-* como prevérbio e como prefixo adjetival. Mesmo neste último caso, as bases têm vinculação verbal, conforme atestam os exemplos *supradictus*, "sobredito", *supranatans*, "que nada sobre", e *suprase-dens*, "sentado em cima". Os dados porém não nos fornecem indícios seguros sobre o caráter clássico ou vulgar do prefixo.

Seja como for, a despeito das condições históricas que o punham em desigualdade inicial em relação a *super-* o prefixo *supra-* foi se difundindo na língua, em especial, no léxico científico. Basta que se consultem, para fins comparativos, Moraes (1813) vol. 2, Au-

lete (s/d), vol.2 e o Aurélio (1999), a fim de verificar a surpreendente expansão de *supra-*.

A título de complementação, eis os dados do *corpus* que o Aurélio não acolhe:

**Grupo I (deadjetivais):** *suprabasal, suprapúbico, supraceleste, supra-racional, supra-estatal, supra-sintético, supralegal, supralógico, supra-óptico.*

**Grupo II (dessubstantivais):** *supra-estrutura.*

A noção do prefixo é "acima de", no plano físico ou nocional. *Suprapública* é "acima do púbis" e *supra-racional*, "acima do racional".

## TRANS-

O corpus atesta razoável número de informações verbais que nos chegaram do latim, por via direta ou indireta (neste caso, por intermédio do francês): *transcender* (<transcedere), *transmutar* (<transmutare), *transcrever* (<transcribere), *transpirar* (<transpirare), *transferir* (<\*transferere) *transplantar* (<transplantare), *transfundir* (<transfundere), *transpor* (<transponere), *transgredir* (<\*transgredere), *transportar* (<transportare), *transmigrar* (<transmigrare) *transverberar* (<transverberare), *transmitir* (<transmittere)

Os poucos exemplos de formações ocorridas em português, como *transbordar* e *transfixar*, já se encontram devidamente lexicografadas.

O corpus evidencia verdadeira expansão do padrão *trans-* + adjetivo o qual se prende a modelo latino (cf. *transalpinus, translucidus*). Listamos abaixo os derivados não acolhidos no Aurélio, nos quais o prefixo apresenta o traço sêmico de "além de", daí o de "mudança", que se observa em *transexual*: *transcultural, transcurso, translógico, transnordestino, transpantaneiro, transplanetário.*

O português admite também o padrão *trans-* + substantivo: *transaminação* (<amina, substância química), *transaminase, transes-terilização, transfronteira, transmantiqueira, transmemória, trans-peptidase* (<peptideo, termo da Química).

É notável, como se vê nos dados, a presença de trans- em terminologia científica, como mostram os exemplos *translógica*, *transplanetário*, *transesterilização*, *transmemória*, *transaminação*, *transaminase*, *transpeptidase*.

## TRI-

*Tri-*, elemento derivacional que significa "três", se documenta em muitas formações a partir do século XIX, na linguagem erudita. Mas os contextos vernáculos em que *tri-* comparece são um tanto diversos dos do latim, pelo menos considerando os aspectos mais salientes. Em português, por exemplo, não sobrevive, a não ser esporadicamente a parassíntese com *tri-*, como nos adjetivos latinos *triformis* (<tri + forma + is), *trilinguis* (<tri + lingua + is). Formações do nosso corpus, do tipo *trilíngue* e *trirreme* são legados da latinidade. Na linguagem da Biologia, conservadora que é, adapta-se ao modelo latino, conforme atestam os adjetivos *tripétalo* e *trissépalo*, existentes no Aurélio.

Nosso corpus contém abundantes exemplos de *tri-* empregado na nomenclatura da ciência, mormente da Química. Ilustramos com os substantivos abaixo não encontrados no Aurélio: *tricloretileno*, *trifenil-metilpenicilina*, *tricloreto*, *trifluorperazina*, *tricloronaftaleno*, *trideoxi-ribostamicina*, *trimetadiona*, *trietilenometenamina*, *trimetilamina*, *triexifenidil*, *trimetilenamina*, *triexilfenidil*, *trinitrotoluol*, *trissulfato*, *triortocresilfosfato*. Constituem formações especiais, segundo convenções da Química, nas quais não nos deteremos.

Deparamo-nos também com adjetivos utilizados na nomenclatura técnica: *tricloraético\**, *trisfosfórico\**, *trissômico\**.

Outros adjetivos são de extração diversa: *tricintado\** e *triplexa\** (dobrado em três) pertencem à linguagem romanesca e *tripessoal\**, à linguagem oratória.

A julgar pelos dados, *tri-* nos parece um prefixo de pouca difusão na linguagem cotidiana. Tende a participar de formações especializadas.

## UNI-

*Uni-* é prefixo que se tomou emprestado ao latim clássico. Foi introduzido a partir do século XIX, tendo como ponto de partida a linguagem científica internacional.

O português expandiu o padrão *uni-* + adjetivo, segundo estes exemplos do *corpus*: unilinear, uniovolado, univalvo\*, unirradicular\*.

Formação do tipo *univalvo*, variante da dicionarizada *univalve*, "concha de molusco constituída de uma só peça", é imitação de modelo latino (cf. *unimembris*, "de um só membro", *unimanus*, "de uma só mão"). Na Biologia, dá-se guarida a tais formações. Examinem-se, para fins de cotejo estes adjetivos extraídos do Aurélio: *unifólio* (de uma só folha), *unipétalo* (de uma só pétala) e *unirreme* (de uma só pata).

### ***Prefixos correspondentes a formas livres e dependentes***

#### **EXTRA-**

O prefixo *extra-* pertencia ao latim vulgar, embora circunscrito no início, conforme o sempre valioso testemunho de Maurer Jr. (1951:127-28), à parte oriental da România, isto é, à Itália e à Dácia. Segundo ainda o ilustre romanista:

*Usado com o prefixo nominal de emprego limitado, extra- se acha algumas vezes em latim, mas só na decadência, sobretudo nos Padres cristãos, e.g. extramundanus (Jerônimo), extranaturalis (Tertuliano), extramuranus (Ambrósio) — extraordinarius já vem em Cícero. (1951:128)*

Foi por via culta que *extra-* ingressou na România Ocidental, usado às vezes como preverbo. Em português existe *extrapolar* (séc. XX), *extravasar* (1813), *extraviar* (séc XVII), segundo informações do Dicionário de Cunha (1987).

É como prefixo nominal que *extra-* se tem afirmado verdadeiramente em português desde o século XIX. Ajunta-se a adjetivos conforme o modelo no latim pós-clássico: *extrabucal\**, *extramédico\**, *extracelular*, *extramental\**, *extracientífico\**, *extranacional\**, *extracorporal\**, *extracurricular*, *extraorçamentário\**, *extraeconômico\**, *extraperceptivo\**, *extrapiramidal\**, *extratemporal*, *extrajudicial*, *extrateórico\**, *extralegal*, *extraterrestre*, *extralingüístico*, *extraterritorial*, *extra-sensorial*, *extravocacional\**.

Em menor escala, *extra-* também se acrescenta a substantivos: *extra-empresa*\*(usado como adjetivo), *extra-sístole*.

## DE-

Em nosso corpus, há dois tipos de formação: os de natureza vernácula e os que vieram até nós, por intermédio do latim. Estes últimos, no bojo do *corpus*, são relativamente bem representados. Constituem-se de infinitivos verbais e raros nomes, em que o prefixo, além do sema fundamental de "afastamento" (ex.: *defluxo*), exhibe outros, com ele relacionados: negação (*decrescer*, *demérito*), privação (*depilar*) e duração, indicando neste caso que ação, estado ou processo se estendem (*delinear*, *delongar* e *deperecer*).

Em português, *de-* se adjunge a bases verbais, com o sema fundamental de "afastamento". Num exemplo do *corpus*, indica "de cima para baixo": *dependurar*, onde o prefixo é redundante, já que a noção pode ser identificada no radical; noutro, indica "separação" ou "privação": *debicar*. O verbo aí, significa, a partir dos constituintes "puxar com o bico" e daí "comer pouco (como as aves)", "comer em pequena porção". O prefixo tem valor semântico um tanto opacizado, em virtude do emprego metafórico do verbo. Num outro caso, o sema do afixo é "deslocamento a partir de determinado ponto": *demarcar*. Há, enfim, o sema "em sentido contrário": *decifrar*, *decodificar*.

Existem também as formações de caráter denominal: *dealquilação*\*, *deaminação*\* e *detoxicação*\*. São termos da linguagem técnica, mais especificamente relacionados com a nomenclatura química. Significam respectivamente "tirar os radicais alquila", "tirar os radicais amina" e "tirar a toxidez". Mesmo os exemplos denominais pressupõem as bases *dealquilar*, *deaminar* e *detoxicar*, que não sabemos serem ou não existentes, pois não dispomos de manual ou dicionário especializado para as devidas elucidações.

*De-* pode ocorrer também junto a adjetivos, indicando "proveniência", conforme exemplo único do Aurélio: *deverbal*. A partir dele, no domínio da lingüística, criaram-se outros exemplos, registrados e inclusive já empregados por nós: *deadjetival*, *dessubstantival*, *denominal*. Acrescem-se a outros, confinados em terminologia técnico-científica. O *corpus* não oferece exemplos de deadjetivais.



Com base nos dados analisados, comparados aos listados pelo Aurélio, somos do parecer de que *de-* está longe de ostentar expansão semelhante à de *des-*. Tendo compulsado a mencionada obra lexicográfica, deparamo-nos com exemplos abstrusos, não só quanto ao aspecto raridade, mas também quanto à própria natureza da formação (ex.: *deflegmar* e *decriptar*). Alguns pertencem à terminologia técnica ou são de registro literário, estando incluídos entre formações prefixais: *defibrilar* (Biol. “deter a fibrilação de”), *depolarizar* (Físico-química: “efetuar a despolarização de”), *devitrificar* (cristalografia: “fazer cessar a vitrificação”); formações parassintéticas: *deflegmar* (Quím. de + phlegma + ar: “tirar o muco”), *degasar* (Quím. “provocar a desgaseificação de um sistema”), *degranar* (“tirar os grãos”), *deletrear* (literário: “ler letra por letra”), *demitizar* (religião: “escolimar de mitos a religião cristã”). Ressalte-se a concorrência de *de-* com *des-*: *despolarizar*, *desvitrificar*, *desflegmar* e *desgasar*.

A preferência por bases verbais já remonta ao latim clássico, conforme o balizado testemunho de Romanelli (1964).

## CONCLUSÃO

Aqui pretendemos mostrar, e creio que o fizemos, ainda que densamente, quão importante foi a influência do latim em suas modalidades no léxico científico. Fica uma contribuição aos manuais de lingüística histórica, como o de Coutinho (1976) e o de Nunes (s/d), que simplesmente apontam uma lista de afixos sem indicar as condições de produtividade e de produção. Sinaliza a necessidade de estudar-se os afixos em geral com bases nas condições retrocitadas de modo a determinar que modalidade de latim influenciou no léxico português, em vez de apresentar uma mera listagem de afixos, conduzindo assim o leitor a uma falsa concepção de um latim unitário, contra a qual as próprias obras se insurgem.

É bom ressaltar que as nossas conclusões, mormente aquelas em função das bases a que o prefixo se anexa, podem estar sujeitas à correção, uma vez que nos baseamos, quanto ao latim, apenas nos testemunhos dicionários de Saraiva (1993) e nos testemunhos gramaticais de Maurer Jr. (1951, 1959). Sabemos que estes dados, conforme a extensão da coleta, podem ser modificados, resultando, pois, em conclusões diversas.

## BIBLIOGRAFIA

AULETE, F. J. Caldas. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Editora e Officinas Typographicas e de Encadernação, [s/d.], vol. 2.

COUTINHO, Ismael. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo: Acadêmica, 1951.

———. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959.

MORAES, Antônio. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Editora Lacerdina, 1813. vol. 2.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, [s/d.]

ROMANELLI, Rubens Carlos. *Prefixos Latinos*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1964.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novo Dicionário Latino-Português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SERPA, Oswaldo. *Dicionário Escolar Inglês-Português Português-Inglês*. Rio de Janeiro: FENAME, 1973.